

## Reflexos da vida marítima num autor espiritual do século XVI

Sebastião Toscano — um irmão de hábito e coetâneo de Frei Tomé de Jesus — passou quase inadvertido até ao presente, embora seja um bom escritor e uma personalidade de certo relevo na história religiosa da sua época. Nasceu no Porto em 1515. Secretário do famoso geral Scipião, pregador de D. João III, incumbido de uma espinhosa missão diplomática aquando do cisma inglês, chegou, por duas vezes, a provincial dos Eremitas de Santo Agostinho — a Ordem em que professara, ainda moço, quando estudava Leis na Universidade de Salamanca. Morreu em 1583, provavelmente em Lisboa<sup>1</sup>.

Dentre os variados temas que o trato da sua obra literária nos sugere, vamos hoje debruçar-nos sobre um que nos parece

<sup>1</sup> Relativamente à sua biografia, são dois os trabalhos mais importantes que publicámos: ARMANDO DE JESUS MARQUES, *Os Reimões do Porto e Riba-Douro no século XVI*. Sep. do «Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira», vol. III. Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian), 1962. — *Frei Sebastião Toscano na conjuntura religiosa da sua época*. Sep. da «Revista Portuguesa de História», t. VII. Coimbra (Faculdade de Letras da Universidade), 1963.

No primeiro estudo, reconstitue-se o quadro familiar e lança-se um pouco de luz sobre os anos da sua infância e da sua primeira educação. Estabelece-se ainda, com base em documentação irrefragável de arquivo, a sua ascendência lidimamente portuguesa, posta em dúvida por certo autor espanhol.

No segundo, dispõem-se, por ordem cronológica, os documentos que em torno da sua vida se recolheram — o que nos deu uma primeira antevisão da respectiva biografia e serviu de fio condutor da narração quando, mais tarde, elaborámos a nossa tese de doutoramento sobre a sua vida e a sua obra.

Desta tese, ainda por publicar, podem consultar-se dois resumos: *Frater Sebastianus Toscanus, O. S. A. — spiritualis doctrinae auctor lusitanus saeculi XVI*. Sep. de «HELMANTICA — Revista de Humanidades Clássicas de la Universidad Pontificia de Salamanca», n.º 49. Salamanca, 1965. — *Da vida e escritos do humanista português Frei Sebastião Toscano*. Sep. de «Portugiesische Forschungen der Görresgesellschaft. Erste Reihe — Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte», vol. VI. Münster Westfalen, 1966.

bastante curioso e se encontra enunciado no título que encima estas linhas: o das referências à vida do mar que a dita obra patenteia.

Respeitando a ordem cronológica dos seus escritos, comecemos por respigar tais referências na «Oração Fúnebre de Afonso de Albuquerque», pregada em Santa Maria da Graça de Lisboa em 1566 e dada à estampa nesse mesmo ano<sup>2</sup>.

Logo a abrir, o autor detem-se nas três virtudes teologais, «jóias de Deus, com que Ele afermosenta as almas, lançando-as do céu, como gotas de orvalho nas conchas, de que se geram as perlas» (fl. 5 v.). E, após haver dissertado sobre a fé (de todas «a primeira, como fundamento de nosso spiritual edificio»), fala assim da esperança:

«Quem dirá os poderes da segunda virtude da speranza, singular dom (como diz o bom rei e profeta David) dos homens? Esta é a segura âncora da nossa alma, que nos fez firmes nas crecidas e levantadas ondas que subem ao céu, no cabo de nossas boas speranças, aferrando com ãa de suas orelhas na firme pedra nossa, Cristo, tendo outra na terra, de que foi formada nossa natureza» (Ibid.).

Como é sabido, a âncora tornou-se, depois dos primeiros séculos, um símbolo muito divulgado da esperança cristã. Na verdade, é nomeada por três vezes no relato da viagem marítima de S. Paulo (Act. 27), um dos textos mais instrutivos da antiguidade greco-romana sobre a navegação. Em sentido metafórico, a Epístola aos Hebreus chama à esperança da salvação eterna «uma âncora segura e firme para a nossa alma, e que penetra para lá do véu do santuário, onde Jesus entrou como precursor por nós»<sup>3</sup>.

A metáfora tem, pois, raiz bíblica. Deve destacar-se, até, a literalidade da tradução em dois adjectivos da citada Epístola: «segura», «firme». Mas é inegável o intencional empolamento da imagem no que concerne ao seu elemento náutico: «as crecidas e levantadas ondas que subem ao céu...».

Sebastião Toscano encadeia, depois, um rifão popular, um tropo bélico e um símil náutico. Os dois últimos têm a fiança de uma

---

<sup>2</sup> *Oração que fez o padre Mestre frey Sebastião Toscano em Sancta Maria da Graça de Lixboa a dezenove dias de Mayo de MDLXVI na trasladação dos ossos da Índia a Portugal, do mui illustre & excellente Capitão & Governador da Índia Affonso de Albuquerque.* Com licença impressa, em a muy noble et sempre leal cidade de Lixboa, per Manoel Joam, 1566.

<sup>3</sup> *Hebr.* 6, 18-20.

respeitável tradição patrística<sup>4</sup>. E todos nos advertem acerca da volubilidade humana, prevenindo-nos contra o risco de elogiarmos intempestivamente as pessoas:

«Porque não é seguro louvar os homens na vida, nem o navegante que bem navega até que no seguro porto lance as âncoras, nem o capitão que bem peleja até que, acabada a guerra, o não vejamos no triunfo, porque acontecem muitas cousas entre (como dizem) o bocado e a boca — havendo louvado em alguma maneira o pai Afonso de Albuquerque na morte, não nos ocuparemos em louvar o filho Afonso de Albuquerque<sup>5</sup> porque ainda vive» (fl. 18 v.).

Ainda vamos no começo. Mas já aflora neste texto um certo espírito didáctico para o qual desejamos chamar a atenção, pois há-de aparecer frequentemente, cada vez mais vincado, noutras passagens que iremos extractando.

Passados dois anos sobre a impressão do elogio fúnebre do *Terrível*, publicava-se a «Mística Teologia»<sup>6</sup>. Nesta obra, depois de inculcar o exacto cumprimento da lei divina como único meio de que dispomos se queremos salvar-nos, o autor prossegue deste jeito:

«Esta é a grande e real estrada por onde podemos ir todos ao Céu: reis, vassalos; senhores, servos; clérigos, seculares; prelados, súbditos; casados, solteiros; homens, mulheres; grandes e pequenos, de todo estado e condição qualquer que seja...

Pois assi é, sigamos o caminho da lei divina, cortando as ondas mundanas, seguindo sempre a luz do farol da nossa capitaina, a Santa Madre Igreja romana, católica e apostólica» (fls. 18 v.-19 v.).

Concedamos que não existe grande originalidade na metáfora. Mas não se poderá dizer o mesmo da imagem seguidamente trans-

<sup>4</sup> «Nam si laudari ante gubernator non potest quam in portum navem deduxerit, quomodo laudabis hominem, priusquam in stationem mortis successerit?» S. AMBR., *De bono mortis liber unus*, cap. 8, num. 35 (ML 14, 584 B). — «Navis gubernator in tempestate dinoscitur, in acie miles probatur. Delicata iactatio est cum periculo non est. Conflictatio in adversis probatio est veritatis». S. CIPR., *Liber de mortalitate*, XII (ML 4, 612-613 A).

<sup>5</sup> Era, na verdade, homónimo de seu pai, de quem foi igualmente cronista: AFONSO D'ALBUQUERQUE — *Comentarios do Grande Afonso d'Albuquerque, Capitam Geral que foy das Índias Orientaes, em tempo do muito poderoso Rey Dom Manuel, o primeiro deste nome*. Em Lisboa. Com licença impresso por João Barreira impressor del Rey nosso senhor. Anno de 1576. Com privilegio real.

<sup>6</sup> *Mystica Theologia, na qual se mostra o verdadeiro caminho pera subir ao çeo, conforme a todos os estados da vida humana*. Lisboa, 1568. Em casa de Francisco Correa.

crita, em que se alude aos que demandam a perfeição e se vêem a braços com não pequenas dificuldades:

«Às vezes é necessário navegar pelo mar, onde as rémoras <sup>7</sup>, peixes pequenos, detêm grandes naus e navios. E com isto cossairos, que roubam aos que trazem em público seu tesouro. A uns encantam sereias, e a outros fazem monstros portentosos mil diferenças de Circes encantadores, a que não pode dar remédio o Moli de Mercúrio» <sup>8</sup> (fls. 20 v.-21).

Volvidas meia dúzia de folhas, deparamos com nova imagem náutica, a causticar uma chaga que não era só do século XVI, mas acompanha a nossa pobre condição de mortais, como tão claramente lembra o próprio Evangelho: «Na cadeira de Moisés se assentaram os escribas e fariseus. Observai, pois, e fazei tudo quanto eles vos disserem; porém, não obreis segundo a prática das suas acções, porque dizem e não fazem» <sup>9</sup>. Ora atente-se nesta feliz comparação, que toma por ponto de partida a teologia que «se ensina nas escolas, onde se recebem os graus de Bacharéis, Licenciados e Mestres»:

«As diferenças de letrados, que nas escolas há, são como as dos mareantes, entre os quais uns são pilotos, outros mestres, outros marinheiros, com outras diferenças de homens deste ofício. Estes têm por

<sup>7</sup> «Peixe que, dizem, faz deter a embarcação que vai velejada, ou aviada... *Vieira*: os olhos dos discípulos, que ficavam no monte, eram as rémoras que não deixavam subir o Divino Mestre...; a alma neste mundo, toda vestida de rémoras e do chumbo de seus pecados... *Chagas*: a manilha era rémora do sangue, isto é, com sua oculta virtude não o deixava correr...». *MORAIS, Dicionário*.

<sup>8</sup> Nítida alusão ao episódio vivido por Ulisses e seus companheiros quando, no regresso de Tróia, aportaram à ilha de Aiaíé, onde demorava Circe, a deusa de voz humana, de belas tranças, mas de péfidos desígnios (*Odisséia*, X, 135-139).

Descendo a âncora, Ulisses enviou metade dos seus homens a explorar a ilha deserta e misteriosa. Divisaram, ao cabo de algum trabalho, uma moradia sumptuosa. Sob o seu pórtico, estava Circe, cantando numa doce voz, enquanto tecia uma renda, tão fina e magnificente, que bem traía as mãos delicadas de uma diva. Convidando-os a entrar, ofereceu-lhes assento em poltronas marchetadas de prata. Depois, veio o sortilégio: no batido (de vinho de Pramos, com queijo, farinha e mel verde), misturou a droga funesta, que os transformaria em porcos e monstros asquerosos (vv. 187-243).

Sabedor da triste sorte dos companheiros através de Euríloco — o único que escapara ao fatal engano —, Ulisses interna-se sozinho na floresta para os salvar. É então que passando junto do vale sagrado, já perto da mansão de Circe, recebe a visita de Hermes (de varinha de ouro, os traços de um jovem em que desponta, florindo, a primeira barba); e dele recebe o *μῶλον*, ou «erva da vida», com que pudesse neutralizar a peçonha terrífica da deusa. Quando, recebido em casa desta com igual requinte e sedução, o herói mergulha na bebedeira a erva benfazeja, o feitiço quedou-se sem qualquer efeito (vv. 270-333).

Vê-se nesta citação o reflexo de uma cultura humanista que o autor emprega muito a propósito.

<sup>9</sup> *Mt.* 23, 2-3.

principal ofício mostrar o caminho polo mar aos navegantes, por onde guiam os capitães, mercadores, passageiros, que não sabendo tanto do caminho, seu principal intento é enriquecer-se dos bens que dá a terra para onde navegam; como o principal intento do piloto e dos marinheiros é mostrar as terras, mais que negociar nelas, ou enriquecer-se dos bens que nelas há.

Desta maneira, parece que alguns teólogos escolásticos tomam por principal intento da teologia que sabem, o falar, pregar e ensinar de Deus, mais que aproveitar-se do que dizem. E assi vemos, em effecto, muitos com sua doutrina fazer varões espirituais e divinos, ficando eles (sendo os mestres) humanos e fracos: como muitos pilotos levar à Índia mercadores, que trazem de lá o fino ouro e ricas pedras de Oriente, tornando eles (que os encaminham) pobres pera suas casas» (fls. 27 v.-28 v.).

Outra pecha da vida espiritual, ontem como hoje, é o divórcio entre a religião e a vida. A verdadeira fé não se limita a uma adesão especulativa às verdades reveladas; há-de ser operante, formando a personalidade, apurando o critério, descendo a vivificar cada uma das nossas acções. Mas a fissura abre-se facilmente no barro humano... E Sebastião Toscano denunciou-a com mais esta evocação da vida marítima:

«Não entraremos no Céu por sabermos as leis divinas e humanas, mas por caminhar polas virtudes, a que elas nos levam. Não entram na cidade os que vêem o caminho, nem os que pola carta de marear o sabem, mas os que caminham por ele» (fls. 32 v.-33).

E, insistindo no tema, brinda-nos com a descrição visualista da equipagem de um navio, distribuída pelos seus postos, atento — cada qual — à sua obrigação:

«É cousa costumada os que não sabem o caminho (e ainda os que o sabem, se ele é perigoso e dificultoso por novos acontecimentos) perguntar por ele amiúde, informando-se dos que melhor o sabem. E porque o do mar tem mais perigos que o da terra nele se põe mais diligência. É de ver o cuidado do piloto, marinheiros e de todos aqueles cujo carregio está o governo de ãa nau ou navio: a vigilância no leme (que é a guia no mar cego); o tento na carta, a agulha e estrelábio; o tomar a altura, o pôr os olhos no céu considerando as estrelas; o ter conta com as marés e moções; não se descuidar nos baixos; e, finalmente, ter conta com os tempos e ventos, e lugares por onde navega.

Mas sobre todos os caminhos que há polo mar e na terra, o do Céu é o mais dificultoso de achar e perigoso de caminhar. Daqui, vem perder-se nele tanta gente. Uns por o não saber, outros por não partir e outros por mal caminhar» (fls. 33 v.-34 v.).

Na imagem do Evangelho, a fé é porta estreita, imagem que Mestre Toscano glosa assim: «A porta da fé chama o Senhor estreita<sup>10</sup> porque se estreita com poucos, certos e determinados artigos de fé, pelos quais não pode caminhar filósofo, nem judeu, nem homem de outra seita se não for cristão (e ainda esse bom, prudente, fiel e verdadeiro)».

Explica então, num ressaibo humanista, que os filósofos gentios tropeçam logo no primeiro artigo do Credo, que preceitua a fé em um só Deus: «porque eles crêem em muitos e fizeram ãa grande chusma de deuses, um pera o pão, outro pera o vinho; um pera a paz, outro pera a guerra».

Depois, traz à colação os judeus. Desta feita, porém, utiliza a figura, não de quem tropeça numa porta estreita, mas a de um navio que se desmantela aos poucos nos rochedos em que por má sina se deixou prender:

«E se os judeus começam de entrar por este primeiro artigo da fé, dizendo que crêem em um só Deus, encaham no segundo, terceiro e quarto artigos, nos quais confessamos as três divinas pessoas e ãa só sustância ... que o judeu não pode entender como é um, se é trino» (fls. 41-42).

Mais adiante, sublinhará a fugacidade das coisas deste mundo, comparando-a, num expressivo tríptico, à figura alada de um postilhão a galope, e à da ave (ou seta) que fende vigorosamente o ar, e à da caravela que deslisa, soberba, por sobre as vagas:

«Que nos aproveitou a soberba? Que bem nos fez o prezarmo-nos das riquezas? Passarão todas aquelas coisas como sombra, e como correio, e como nau que vai cortando as ondas do mar, da qual — depois de passada — não fica rasto, nem caminho, e como a ave, que vai pelo ar, da qual não fica trilha, mas tudo se acabou e consumiu com o som de suas asas, que iam cortando os ventos; e como a seta, que apartando o ar, logo se tornou a cerrar, sem se saber por onde caminhou. Assi nós com nossa maldade nos acabamos e consumimos, sem ficar de nós memória» (fls. 56-56 v.).

Sabe-se que a província augustiniana de Portugal tinha um «deserto» no convento de Penafirme, perto de Torres Vedras: lá viviam alguns frades de maior pendor contemplativo; lá se resguar-

<sup>10</sup> Mt. 7, 13-14.

davam, cansados ou desiludidos, homens de letras e governo<sup>11</sup>. Sabe-se igualmente de como esse mosteirinho — situado numa praia assaz exposta e mal defendida pelos reis — se achava ligado a histórias aliciantes de flibusteiros e piratas<sup>12</sup>. Tais histórias não podiam ser desconhecidas nas outras casas, onde constituiriam mesmo o objecto de animadas conversas nos tempos de recreio. Terá alguma relação com estes factos a seguinte passagem da «Mística Teologia»?

«E quando te vires perseguido das fúrias infernais, fuge ao monte Calvário e abraça-te com a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo ... como

<sup>11</sup> O próprio Sebastião Toscano passaria por lá algum tempo a partir de 1575. Assim, chegado ao fim do seu primeiro provincialato, pediu para se retirar à vida eremítica e solitária, propósito que o geral Tadeu de Perúcia louva em comunicação de 13 de Março do dito ano, mas ressalvando o caso de que isso não redunde em prejuízo da província. Depois, em 28 de Fevereiro de 1576, o mesmo geral autorizou que ele deixasse o ermo para ir a Lisboa pregar: «Magistro Sebastiano Toscano respondimus, nos approbare ut ex eremi solitudine progrediens, Ulissiponam se conferret, concionandi gratia». Por fim, a 31 de Agosto, «le señaló por conventual en el convento de Peña firme en el desierto, para mayor quietud de su alma». Cf. A. J. MARQUES, *Frei Sebastião Toscano na conjuntura...*, p. 35.

<sup>12</sup> Do desamparo do sítio, fala assim o cronista: «E é tam notoria esta solidão que até os piratas, principalmente Mouros, que de ordinario andam naquela costa, fiados em ser aquela paragem deserta, desembarcam muitas vezes em suas lanchas pera fazerem aguada, ou furtarem gado pera sua sustentação, e principalmente pera cativarem alguns pescadores, que fugindo deles, se vem recolher no Porto novo, ou estão ali reparando seus barcos e suas redes. E por algũas vezes aconteceu já quererem cometer o mosteiro pera o roubarem e levarem os Frades cativos...». Cf. FREI ANTÔNIO DA PURIFICAÇÃO, *Chronica da antiquissima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho*, P.<sup>o</sup> 1.<sup>a</sup>, Lisboa 1642, fl. 348 v.

Como se vê, o P. Purificação só alude explicitamente a piratas mouros. Mas andavam por lá, igualmente, corsários ingleses («navios do Palramento»). A notícia é-nos fornecida por um requerimento a el-Rei — um pouco tardio, mas muito esclarecedor — que vamos resumir:

«Senhor: Dizem o prior e mais religiosos do convento de Nossa Senhora da Graça de Penafirme que, pouco distante do dito convento, a menos de meia legoa, estão dous portos, um a que chamam o Porto Novo e o outro de Santa Cruz, nos quais por varias vezes tem saído mouros para captivar a eles suplicantes, como já fizeram ùa vez que chegaram ao mesmo convento com cordeis para os levarem atados, e defendendo-se dos mouros captivaram vinte e tantos, que mandaram a esta Corte, sendo vice-Rei de Portugal o Conde de Salinas, per cujo respeito mandaram pôr fachos nos ditos portos, e entre o facho do Porto Novo e o do convento, outro facho a que chamavam o fachinho, no qual havia vigia de noute para que, tanto que os mouros saíssem em terra, dessem logo recado ao convento para que os religiosos trassem do resguardo do Santissimo Sacramento e da imagem da Virgem Nossa Senhora da Graça e mais santos que estão na igreja...»

Contudo, os soldados encarregados da vigia dos fachos não punham nela cuidado algum, passando-se dias e dias sem os verem e mandando em seu lugar moços de mui pouca idade ou gente pobre e sem armas. Assim, «quinta feira quatorze deste mês de Julho saíram junto de ùa azenha deles suplicantes, que está menos de um quarto de legoa do seu convento, dez mouros em ùa lancha, sendo que a praia donde saíram estava entre os ditos dous fachos; e indo acaso um criado seu à dita azenha viu na praia os mouros, e eles se renderam...» Pedem, pois, enérgicas providências porque não só eles estão em perigo evidente de suas vidas, mas «toda a costa daquele mar que confina com Peniche (...), maiormente que pela dita costa de continuo andam navios do Palramento e de mouros com lanchas fora, e tem tomado algũas embarcações...»

Arq. Nac. T. T., *Penafirme*, maço 1, n.º 17. O rei daria despacho a este requerimento em 21 de Julho de 1652.

fazem os que vivem nos lugares vizinhos do mar, que vendo-se perseguidos dos inimigos e bárbaras nações, fogem às matas, e ali se emboscam e escondem. Outros fogem aos montes, onde se possam livrar» (fls. 120-121 v.).

Decorridos quatro anos sobre a impressão da «Oração Fúnebre» e sete sobre a da «Mística Teologia», Sebastião Toscano deu à estampa, desta vez em Veneza, os «Comentários ao Profeta Jonas»<sup>13</sup>.

No relato bíblico, Jonas foi um profeta desobediente que, tendo recebido ordem de Deus para ir pregar a Nínive, tomou lugar em um navio, tentando fugir nele para Társis.

Ora, a primeira imagem náutica destes Comentários fala-nos da Virgem Maria e trai a posição do autor na discussão entre teólogos imaculistas e anti-imaculistas<sup>14</sup>. Com efeito, falando de Cristo, de que Jonas era símbolo, Sebastião Toscano exprime-se desta guisa:

«Em que nave embarcou Jesus Senhor, vindo para este vasto mar do mundo? Naquela de quem está escrito: — Foi feito como navio de negociante, transportando de longe o seu pão<sup>15</sup>. A Virgem Maria, posto que não seja uma nave aprestada de madeira, pez, betume, cordame e mastros, contudo é como um navio que, no imenso pélago das águas, não foi submergido pela desgraça de pecado algum. Esta nave trouxe-nos aquele nosso pão sobresubstancial<sup>16</sup> que nutre para a vida eterna quem o come»<sup>17</sup>.

A descrição do naufrágio iminente com que Deus castiga o pecado do profeta é um perfeito exemplo de hipotipose, essa nada

<sup>13</sup> *Commentarii pii, docti et catholici in Jonam Prophetam, authore Magistro Sebastiano Tuscano, Lusitano, ac theologo eximio Ordinis Eremitarum Divi Augustini. Venetiis, apud Joannem Baptistam Somasum. 1573.*

<sup>14</sup> A discussão vinha de longe. Como é sabido, pertence a Duns Escoto o mérito de ter esboçado a solução para a aparente antinomia teológica que lhe está subjacente — solução que, gradualmente, se foi impondo e ganhando a adesão das Universidades: Paris e Colónia, ainda no século xv; Mogúncia, Viena e Valência, no século xvi; Salamanca, Coimbra, Évora e muitas outras, no século xvii.

<sup>15</sup> *Prov.* 31, 14.

<sup>16</sup> *Mt.* 6, 11.

<sup>17</sup> «In quam navim intravit, venëis (*sic*) in hoc mare magnum, et spaciosum Dominus Iesus? In illam, de qua scriptum est: Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum. Maria virgo quanvis non sit navis lignis, pice, bitumine, et cordis, atque malis aptacta: est tamen quasi navis, quae in diluvio aquarum multarum, non est obruta ullius peccati tempestate. Haec navis nobis portavit panem illum nostrum supersubstantialem, quem qui manducat, vivit in aeternum» (fl. 17 v.).



fácil figura do estilo que nos dá uma pintura breve e animada da realidade, fazendo-nos cair na ilusão de a colhermos em flagrante:

«A marinhagem aterrorizada pela tempestade, vendo o barco a flutuar, projectado ora para um lado, ora para o outro, ultrapassando os recursos da náutica, correndo da proa à popa e vice-versa, uns recolhendo as velas, outros tentando inutilmente dominar o leme, roucos de gritar e desesperando de todo o socorro humano, valem-se do supremo recurso da súplica: cada um brada ao seu deus, de mãos e olhos levantados ao céu»<sup>18</sup>.

A tormenta amainou, depois que os marinheiros lançaram Jonas ao mar. Mais, transmutou-se em doce bonança. Isto oferece ensejo ao autor para mais esta imagem, vertida de um latim um tanto enredado:

«Conteve-se o mar porque encontrou o que buscava, como se alguém indo no encalço de um servo fugitivo e seguindo a passo acelerado, depois de o ter alcançado, suspendesse a marcha, parasse e seguisse aquele que apreendeu. E assim o mar, que, na ausência de Jonas, se irava, tendo-o no seu seio, como se mostra prazenteiro, de novo aspecto, e daqui regressa à serenidade.

Se considerarmos os erros do mundo antes da Paixão de Cristo, os conceitos opostos sobre diversos dogmas, a situação perigosa do

<sup>18</sup> «Nautae videntes tempestatem, fluctuantemque navim, nunc huc, nunc illuc projectam, ab undisque fervidis, et ventis iactatam, nausicam superantem artem et ad pupim a prora, et ad proram a pupi discurrentes, alii vela colligentes, alii frustra clavum tenentes, clamoribus ruci, in nullo humano auxilio spem ponentes, ad ultimum precum subsidium confugiunt: et unusquisque ad Deum suum clamat, sublati palmis, et oculis in coelum» (fl. 21 v.).

Veja-se nesta descrição a reminiscência (com seus decalques, até) do naufrágio dos exilados de Tróia:

«Haec ubi dicta, cauom conuersa cuspide montem  
impulit in latus: ac uenti uelut agmine facto,  
qua data porta, ruont et terras turbine perflant.  
Incubuere mari totumque a sedibus imis  
una Eurusque Notusque ruont creberque procellis  
Africus et uastos uoluont ad litora fluctus;  
insequitur clamorque uirum stridorque rudentum.  
Eripiunt subito nubes caelumque diemque  
Teucrorum ex oculis; ponto nox incubat atra.  
Intonuere poli et crebris micat ignibus aether  
praesentemque uiris intentant omnia mortem.  
Extemplo Aeneae soluontur frigore membra;  
ingemit et duplicis tendens ad sidera palmas  
talìa uoce refert: ...» (*Eneida*, I, 81-94).

Um reflexo mais da cultura humanista de Frei Sebastião Toscano, já antes revelada no episódio de Circe.

batel (isto é, de todo o género humano, criatura do Senhor); e, depois da sua Paixão, a tranquilidade da fé, a paz do orbe, a segurança de todas as coisas e a conversão a Deus, veremos como após o lançamento de Jonas — quer dizer, de Cristo — no mar da sua Paixão, acalmaram o seu furor todas as ondas (isto é, a grande variedade de pecadores juntamente com a idolatria, que avassalava todo o globo)»<sup>19</sup>.

Já enroupada num estilo mais solto e diáfano, é a seguinte metáfora, em que se explica que os homens não têm todos a mesma índole, mas cada qual deve ser levado de acordo com as suas afeições:

«Cada um deve ser conduzido pelo seu caminho. O primeiro caminho, o do amor, é o melhor; o segundo, o do temor, não é para desprezar, se se tiver deixado o primeiro, por menos apto. Nem sempre os marinheiros navegam a direito, com vento favorável, mas com velas, ora viradas, ora enfunadas, ora um tanto abaixadas. Uma vez, a viagem faz-se toda seguidamente; outras, é preciso voltar atrás à espera de ocasião de aportar. Embora a primeira seja melhor, a segunda, todavia, é sofrível. Só o naufrágio é mau.

Para entrares no porto, ó arrais, tens de passar por mil trabalhos: ora tens de remar, ora de desfraldar as velas, ora de as abaixar a meio ou totalmente; umas vezes, o vento sopra favorável do lado da popa, outras, adverso, do lado da proa; agora estão desencadeados, logo acalmam. Antes de alcançar seguramente o porto, forçoso é que a tripulação passe por muitos perigos.

Os príncipes devem fazer antes por ser amados que temidos. Fiquem, todavia, bem cientes que uma e outra coisa lhes são necessárias...»<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> «Stetit mare, quia invenit, quem quaerebat. Veluti si quis fugitivum insequatur servum, et conscito pergat gradu, post quam fuerit consecutus, desistit currere, et stat, atque tenet, quem apprehenderit. Ita et mare, quod, absente Iona, irascebatur, in viceribus suis desideratum tenens, gaudet, et confovet, atque ex gaudio tranquillitas reddit. Si consideremus ante passionem Christi, mundi errores, et diversorum dogmatum status contrarios, et naviculam, totumque humanum genus, id est, creaturam Domini periclitantem: et post passionem eius tranquillitatem fidei, et orbis pacem, et securam omnia, et conversionem ad Deum, videbimus quomodo post praecipitationem Ionae, id est, Christi, in mare passionis suae, steterit mare a fervore suo, id est, peccatorum multiplex genus cum idololatria, quae totum saeviebat per orbem» (fl. 31 v.).

<sup>20</sup> «Quisque sua ducendus est via. Prima via amoris melior est: at secunda timoris non est relinquenda, si prima minus sit pervia. Non semper navigant nautae vento secundo, ac recta via: sed nunc inversis velis, nunc pansis, nunc partim collectis. Nunc prima, nunc secunda navigatione portui applicant. Optima prima navigatio nec tamen mala secunda. Solum naufragium malum. Ut portum teneas, naclere, subeundi tibi sunt mille labores. Nunc remis incumbendum, mox vela tendenda ventis: iam colligenda, nunc totum extensa, nunc medium. Iam enim flabit a pupi ventus prosper, iam a prora contrarius. Nunc flabunt importuni venti, nunc ponent. Antequam securam teneant stationem, multa discrimina patiuntur nautici. Princeps debet laborare, ut magis ametur a suis, quam timeatur. Unum tamen illi exploratum sit, certoque sciat, utrumque illi esse necessarium» (fl. 59 v.).

Na cidade pecadora e contumaz, a pregação de Jonas tinha sido esta: — «Daqui a quarenta dias será Nínive subvertida!». Os ninivitas, porém, ordenaram público jejum e vestiram-se de saco, desde o rei até ao último dos seus vassalos. O profeta ficou, pois, um tanto duvidoso sobre se Deus levaria por diante a ameaça que fulminara pela sua boca. E, sentado num monte fronteiro à cidade, dispôs-se a presenciar o que iria acontecer. Esta atitude de expectativa e perplexidade do herói da narrativa dá lugar a que Sebastião Toscano volte, uma última vez, às imagens náuticas que, uma a uma, viemos forrageando:

«Ainda não tinha suficientemente explorado se o Senhor queria subverter ou salvar os ninivitas, poupá-los ou não. Como, pois, o seu ânimo estivesse perplexo, era impelido um pouco para aqui e para ali, à maneira de um navio que nem à popa tem vento próspero que o faça singrar bem para onde se apressura, nem à proa, um absolutamente contrário que o obrigue a voltar por onde vinha, mas, com ventos opostos de todos os lados, é atirado para cá e para lá, não longe do porto donde, levantada a âncora, saíra; e não podendo continuar para onde seguia, espera o que finalmente seja necessário fazer e em que porto deva ancorar»<sup>21</sup>.

Chegados ao termo desta digressão pela obra de Frei Sebastião Toscano, alguém perguntará se valeu a pena elaborar este inventário. Responderemos servindo-nos do velho, mas sempre acreditado processo da dialéctica medieval: «Videtur quod non... Sed contra est...».

«Videtur quod non...». Dir-se-ia, à primeira vista, que não valeu a pena. De facto, nalguns trechos apontados há figuras de uso corrente, pertença de um património comum ou com muito pouco de pessoal... E, mesmo as mais pessoais, que significado podem ter? Parece que não têm nenhum especial significado. São imagens em que o autor se serve da ambiência marítima, como noutras se utiliza da vida campestre, de episódios bíblicos, etc.

<sup>21</sup> «Non enim satis exploratum habebat, vellet Dominus Ninivitas perire an salvos fieri, parceret illis nec ne. Cum ergo illius animus in dubio esset, paulo huc ac illuc impelleretur: more navis, quae nec a pupi prosperum ventum habet, ut recte currat, quo properat: nec a prora contrarium prorsus, qui illam, unde egressa est, ire compellat: sed adversos undique ventos habens, huc ac illuc iactatur, non longe facta ab statione, unde egressa anchora solverat, nec valens, quo pergebat applicare, expectat, quid tandem facto sit opus, et qua illi statione anchora sit proicienda» (fl. 72 v.).

«Sed contra est...». Apesar disso, julgamos que valeu a pena. E isto por uma tríplice ordem de razões:

1 — Porque deparamos com algumas imagens cheias de originalidade. Sirva de exemplo a metáfora dos bacharéis, licenciados e doutores (assemelhados aos pilotos que guiam as naus à Índia). Pode dizer-se, sem exagero, que é de antologia.

2 — Porque tais imagens nos fornecem alguns dados sobre a vida e os dotes de escritor de Sebastião Toscano. Já chamámos a atenção para o seu didactismo, para a sua cultura humanista. É ocasião de lembrar outros predicados: realismo, espírito de observação... Os seus olhos de menino não ficaram insensíveis ao quadro alacre do burgo marinho em que nasceu e de cuja importância marítima os procuradores às Cortes de 1459 já haviam dito: «O moor tempo do ano as gentes andam per o mar a buscar seu trafego»<sup>22</sup>.

3 — Mas, sobretudo, porque essas imagens patenteiam o influxo, difuso, que a vida do mar exerceu na era de Quinhentos. Note-se que se trata dum escritor espiritual; dum frade retirado do mundo; dum pensador e teólogo; dum homem que viveu vinte e cinco anos fora da sua pátria. Pois mesmo a uma vida assim chegou também — traduzido numa forte vivência interior — o sortilégio do mar. Era a euforia das Descobertas que persistia...

E podíamos terminar aqui. Mas explicitemos melhor a aludida vivência marítima deste religioso. Para acentuar melhor a disjunção. E para dar, até, alguma satisfação a leitores mais sensíveis à moderna óptica estruturalista.

Numa linha de encadeamento lógico, este ensaio podia, efectivamente, articular-se assim: objectos náuticos; meio marítimo; vida marítima.

a) Recopilados dos textos atrás expostos, enumeremos primeiro os OBJECTOS náuticos: a *âncora*, que gancha o fundo pedregoso; o *leme*, guia no mar cego; a *agulha*, que indica o norte magnético; o *astrolábio*, vindo da mais remota antiguidade mas por nós progressivamente aperfeiçoado; a *carta de marear*, em que introduzimos a escala de latitudes, dando início à grande revolução da cartografia marítima. Juntemos a este elenco o *remo da galé*<sup>23</sup>; e, ainda,

<sup>22</sup> A. S. S. COSTA LOBO, *História da Sociedade em Portugal no século XV*, Lisboa 1903, p. 583. Os procuradores em questão eram «Graviell Barreiros, Joham Carneiro e Joham Guomçalves».

<sup>23</sup> Não apresentámos, atrás, a passagem da «Mística Teologia» em que aparece esta expressão, por figurar lá (fl. 64) na sua materialidade, despida de qualquer contexto náutico.

o *prumo*, claramente insinuado nas expressões «tomar a altura», «não se descuidar nos baixos».

Todos estes objectos são instrumentos de bordo. Quer dizer, guarnecem uma *embarcação* (seja esta a «galé» a remos de que já falámos, sejam as «grandes naus», de velame). Guarnecem-na... De feito, não vamos encontrá-los lá como peças de recheio. São elementos solidários entre si, interligados num todo harmónico. A síntese integradora obtém-se na nau *aparelhada*, expressamente descrita como uma «nave aprestada de madeira, pez, betume, cordame e mastros».

b) O MEIO marítimo é o palco onde se desenrola a representação. Um palco não apenas com actores, mas também com cenários, jogos de luz, acompanhamento musical.

Num primeiro quadro, a *praia*, em jeito de enseada, com seu renque de casas: «os que vivem nos lugares vizinhos do mar». Em dada altura, a nau *aparelhada* abandona o *porto*, oceano em fora. Por fundo musical, as *ondas*, que ora ressoam nos acordes fortes de uma sinfonia, ora rumorejam num embalo de sonata... Submersos no pélagos imenso, *rémoras* (peixes pequenos), e também *cetáceos* (peixes grandes); à flor da água, por entre espuma branca, *sereias* de encantar...

Mas o mar não é só aguarela, música e sonho. O mar é *caminho*. Um caminho rotineiro, de simples trânsito, para os que asseguram a comunicação entre os continentes que o elemento húmido separa: «pilotos, mestres, marinheiros»; um caminho de esperança para os que buscam glória ou proventos nessas longínquas terras de mistério: «capitães, mercadores, passageiros». A fazenda de que se aviam e enriquecem é «o fino ouro e ricas pedras de Oriente».

O mar é *caminho*. E, por vezes, caminho onde espreita a maldade humana. Ai dos nautas se descuram a derrota e se internam em paragens mais incertas! Ai dos passageiros se não acautelam a bagagem! Quando menos se espera, surdem *corsários*, os marginais do mar. Será, primeiro, uma ansiosa expectativa face à aproximação desse navio temeroso, cuja silhueta se vai recortando no horizonte, cada vez mais nítida, até se divisar a bandeira negra, de brasão escaveirado, que o encima; será, depois, a abordagem, com seu cortejo de mortes e a depredação total.

c) Felizmente, a nossa caravela não é um barco-fantasma, à deriva, porque a tripulação o abandonou ou vagueia, errática, por algum funesto encantamento. Não. Freme de VIDA. O *sentido de responsabilidade*, a sua consciência social revelam-se na segu-

rança que imprime à navegação: «É de ver o cuidado do piloto, marinheiros e de todos aqueles cujo carregamento está o governo de ãa nau ou navio: a vigilância no leme, o tento na carta, agulha e estreláblio...».

A boa vontade não basta. Requer-se, também, ciência. Em primeiro lugar, *ciência meteorológica*: o bom mareante há-de «pôr os olhos no céu, considerando as estrelas»; há-de «ter conta com as marés e moções»; há-de ponderar «os tempos e ventos, e lugares por onde navega».

Requer-se, depois, *ciência de bem navegar*. Ouve-se agora que — de um ponto de vista sociológico — a Pessoa se constitui formalmente pela modularidade. Pois se é assim, diríamos que nesta nau da Índia se representa um desses autos em que cada figurante desempenha um determinado papel e veste certo traje, mas os troca, num perfeito jogo de desmarcações, ao ligeiro aceno de um atento contra-regra. Há, de ré, vento próspero que faça singrar o barco para o porto de destino? Desfralda-se todo o pano, que logo enfuna... Sopra, oblíquo, de bombordo ou estibordo? Viram-se as velas e navega-se à bolina, bordejando... Cresce de intensidade? Arreiam-se a meio ou totalmente... Desencadeia-se em temporal desfeito? «Ultrapassando os recursos da náutica», corre-se a toda a parte: recolhendo o pano, dominando o leme, lançando a carga ao mar... «Só o naufrágio é mau»!

Aqui fica — na intenção de completar a primeira — uma segunda «leitura» do mundo náutico de Frei Sebastião Toscano. Escolha o leitor a que mais lhe agradar. Ou faça outra: certamente melhor... e sua.

ARMANDO DE JESUS MARQUES